

A PARANÓIA DO SOBERANO, UMA INCURSÃO NA ALMA DA POLÍTICA

DE VALTON DE MIRANDA LEITÃO

A Paranóia do Soberano – Uma Incursão na Alma da Política. Petrópolis: Vozes, 2000.

POR BENEDITO JOSÉ DE CARVALHO FILHO

Sociólogo, doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará.

O estudo sobre o enigma do poder e sua relação com subjetividade continua fecundo nos dias atuais. E por isso que vem em boa hora a polêmica levantada por um psiquiatra e psicanalista e militante político de Fortaleza. Trata-se do livro de Valton de Miranda Leitão, lançado entre nós quase no Final do ano passado com o sugestivo e provocador nome: *A Paranóia do Soberano, Uma Incursão na Alma da Política*, publicado pela Vozes, de Petrópolis, e lançado aqui e em Porto Alegre.

Não se trata de um analista entretido somente na emaranhada e, por vezes, tediosa escuta no cotidiano da clínica. Trabalho, aliás, árduo e silencioso, onde se escutam o desejo, as misérias e grandezas da condição humana.

Valton é, sobretudo, alguém com indignação ética, que passou, como nos informa, 30 anos na atividade clínica “como psiquiatra e terapeuta e como ativista político de esquerda”. Foi escutando esses dois registros, “nessa dupla condição”, como faz questão de enfatizar, que passou a “observar os fenômenos sociais, históricos e políticos na sua interação com o desejo, a paixão e a loucura humana”. E revela, com certa ponta de ingenuidade, como todos os que se imiscuem na política, que “durante este período constatee e impressionei-me, algumas vezes atônito, com o nível de irracionalidade que podem alcançar a práxis política e o exercício do poder” (p. 23).

De sua *escuta* clínica e envolvido na trama da militância política, o autor desenhou o que viu na “alma” da política. Olhos atentos para o chão onde pisava – a política nacional, a política interna e os mo-

vimentos culturais regionais – e embebido das leituras dos clássicos, tentou costurar explicações que lhe permitissem compreender essa alma tormentosa do homem, enquanto envolvido na trama do poder.

Até onde foi o autor? Terá conseguido, ao longo de seus 30 anos de reflexão, formular uma reflexão fecunda sobre a alma da política?

Nenhum discurso é *pleno* capaz de dizer *tudo*. Mas Valton resolveu aceitar o desafio e nos brinda com a oportunidade de entrar no debate sobre uma temática tão pouco discutida em Fortaleza.

Seu trabalho é ambicioso. Deixa impressos nos escritos sua paixão e o ímpeto iluminista, às vezes desejando “salvar” a razão (hegeliana?) e o legado marxista.

Os meus comentários não têm a pretensão de abordar a gama de questões suscitadas em suas análises. Questões, aliás, amplas demais, que vão da ciência política, passando pela filosofia e a psicanálise. Não se trata, também, de fazer uma resenha com elogios fáceis, mas tomar as suas reflexões como uma oportunidade de debate, tendo sempre como referência as suas idéias.

A TRAJETÓRIA E AS SUAS MARCAS

Olhar para o *soberano* e mergulhar na “alma do poder”, como sugere o autor, não se faz sem uma filiação teórica definida. É verdade que o livro apresenta uma gama de autores que vão da psicanálise à ciência política, história, filosofia e literatura. Das 117 obras citadas, cerca de 37 são de psicanálise (em sua maioria de orientação kleiniana), 67 de ciência política, sociologia e história, e cerca de 14 de filosofia e literatura. O eixo norteador do livro, no entanto, como é possível perceber numa leitura mais atenta, é o pensamento kleiniano; Bion e Melanie Klein, especialmente, linha de orientação teórica com que Valton trabalha clinicamente.

A psicanálise em Fortaleza é de formação muito recente. Os primeiros grupos de estudo começam a se formar e estudar a psicanálise muito timidamente na década de 1970. Somente a partir de 1984-86 é que ela vai ter uma melhor visibilidade, mas marcada com forte orientação lacaniana.¹

Acho importante remontar e relembrar um pouco esse aspecto, pois nos meios (pequenos) lacanianos de Fortaleza é comum a ênfase teórica em uma só direção, como se a “psicanálise pura” se reduzisse só ao lacanismo, às vezes lido como se fosse a linha *mais correta*, impedindo dessa forma o diálogo com outras correntes, como os kleinianos, e os que seguem orientações diferentes, muitas vezes ignorados no debate. Isso é visível nos grupos de estudo e nos próprios cursos de psicologia, onde pouco se estuda de Melanie Klein e quase se ignora Bion.

Em razão disso, creio que o livro de Valton parece pouco acessível para muitos. Sem o mínimo de conhecimento dessa vertente teórica é difícil compreender o que o autor quer nos dizer, polemizando-se somente com os autores mais conhecidos no círculo acadêmico.

Quem são esses dois autores que marcam o pensamento de Valton? É difícil em poucas linhas expor seus pensamentos.

Melanie Klein (1892-1960) foi discípula de Freud, apesar de não o ter seguido de forma

mais ortodoxa, manteve uma certa reverência para com o mestre. Foi uma das pioneiras da análise de criança, em uma época em que se dizia ser isso impossível. Suas polêmicas com Ana Freud foram marcadas por fortes debates que quase a deixou isolada.

Para ela a brincadeira era equivalente às fantasias e o ato de brincar dava acesso ao mundo interno da criança, à sua sexualidade e agressividade. Em torno delas se instaurava uma relação transferencial-contratransferencial entre criança e analista.

A pulsão de morte tem forte acento em sua teoria, achado de Freud não tão aceito no meio psicanalítico da época. Para ela a angústia é consequência direta da ação da pulsão de morte no seio do organismo.

Como base nesses pressupostos, ao invés de utilizar a idéia de “fases”, como fez Freud para descrever o desenvolvimento da criança, usou a idéia de “posição”. A “posição esquizo-paranóide”, que traduziria os quatro primeiros meses de existência é caracterizada por uma união entre pulsões sexuais e as pulsões agressivas, por um objeto vivido como parcial e clivado em “bom” (gratificador) e “mau” (frustrador). Na “posição esquizo-paranóide”, como descreve Hanna Segal,⁶ “a angústia dominante provém do temor de que o objeto, ou objetos persecutórios penetrem no eu, esmagando o objeto ideal e o self”. Dois mecanismos se manifestam e são dominantes nessa “posição”: a introjeção e a projeção.

Em seguida, viria a posição “depressiva”, superada por volta do final do primeiro ano. O objeto já não é parcial, podendo ser apreendido pela criança como total, a clivagem “bom” e “mau”. A angústia, nessa posição, está ligada ao terror de perder e destruir a mãe. Posteriormente, em face de suas angústias, a criança desenvolve vários tipos de defesa e de atividades reparatórias, que constituem a primeira fonte de criatividade e de sublimação. A posição “esquizo-paranóide” e a posição “depressiva” voltam a se fazer presentes posteriormente na vida, em es-

pecial no adulto acometido de paranóia, de esquizofrenia ou de estados depressivos.

Não menos importante no pensamento de Klein, o trabalho sobre a inveja, onde ela escreveu um dos mais brilhantes estudos já produzidos sobre o assunto.²

É de Wilfred Ruprech Bion (1897-1979), esse psicanalista nascido na Índia e trazido para a Inglaterra, onde concluiu seus estudos na Universidade de Oxford e que depois volta-se para a psicanálise, sob a influência de Melanie Klein, que Valton vai fundamentar a sua análise da paranóia na política.

Bion, aliás, conheceu a guerra e a paranóia de perto, pois serviu o Exército como médico psiquiatra. Lá aprendeu com os grupos de recuperação o problema da psicose grupal e escreveu, a partir dessa experiência, o famoso livro chamado *Experiência Com Grupos*, onde vai trabalhar a psicose tal como se manifesta nos indivíduos quando estão em interação. Ali, como diz o próprio Bion, se convenceu “*da importância central das teorias kleinianas da identificação projetiva e da ação recíproca existente entre as posições esquizoparanóides e depressiva*”.³ O que revela como seus conceitos e sua teoria estão indissociavelmente ligados à teoria kleiniana.

Valton toma os conceitos de Bion, em especial os *pressupostos básicos*, onde vai fundamentar o núcleo paranóico dos agrupamentos, como a experiência da esquerda nos anos 80, quando chega ao poder municipal e fenômenos como o do Padre Cícero e Antônio Conselheiro.

Bion desenvolveu a idéia de uma *mentalidade grupal* como uma unidade que se opõe por vezes aos desejos individuais. O grupo, nesse sentido, não é a soma de consciências individuais, mas possui uma *alma*, se assim poderíamos dizer, e essa *mentalidade grupal* representa um continente para os indivíduos que a compõe. Seus conteúdos são *pressupostos de base*, imensas emoções fundamentais.

A psicose, para ele, não é um fenômeno somente individual, mas desenvolve-se nas re-

lações com os outros, através das maciças identificações projetivas.

A idéia é aparentemente simples:

Somos seres essencialmente grupais, políticos, no sentido de que pertencemos a eles. Nenhum indivíduo, ainda que esteja isolado, pode ser considerado marginal em relação a um grupo.

Quando trabalhava como diretor do setor de reabilitação de um hospital psiquiátrico durante a segunda guerra mundial começou a tratar a reabilitação como uma tarefa grupal, e passou a desenvolver a hipótese de uma *cultura do grupo*, ou de *uma mentalidade grupal* nas pessoas quando estão em grupo. Essa idéia de uma *mentalidade grupal* é uma formulação básica para a pesquisa sobre fenômenos grupais.

É a partir desse pressuposto que ele elabora a idéia de *suposto básico*, que é um termo que qualifica de *mentalidade grupal* e está configurada por emoções intensas de origem primitiva, consideradas como básicas; por este motivo.

Expressam-se através de *fantasias grupais*, do tipo onipotente ou mágico, relacionados com o modo de obter seus fins ou satisfazer seus desejos. Esses supostos básicos são três:

O primeiro chamado de *suposto básico de dependência*, ou seja, o grupo *acredita* que está reunido para que alguém proveja a satisfação de todas as suas necessidades e de todos os seus desejos, alguém de quem o grupo depende de uma forma absoluta. E a crença numa deidade protetora, cuja bondade, poder e sabedoria não se põem em dúvida. Algo semelhante ao tipo “tradicional” de autoridade, formulada por Weber e ressaltada por Valton. Conselheiro desempenhou esse papel, assim como Padre Cícero. Nos tempos atuais desempenham esses papéis os líderes das seitas religiosas.

O *suposto básico de ataque/fuga*, consiste na convicção grupal de que existe um inimigo (os judeus, de Hitler; os “traidores”, na época do Stalin; os “diferentes”, nos tempos atuais e tantos outros mais, reais e imaginários) e que é necessário atacá-lo ou fugir dele. O mau está

projetado fora de mim e para isso só restam duas alternativas: atacar e destruir o “inimigo”, ou evitá-lo (fugir).

O *suposto básico do acasalamento* é a crença coletiva e inconsciente, de que quaisquer que sejam os problemas e necessidades atuais do grupo, um fato futuro ou um ser ainda por nascer, os resolverá, quer dizer, há uma esperança de tipo messiânica. É a esperança de um salvador do grupo, semelhante ao “povo de Israel”, com a vinda de um Senhor, ou de um grupo político que sonha que apareça um novo Marx, ou um novo Lênin, que conduza as massas nesses tempos de heteronomia social.

Como chama atenção um comentador de Bion, “*todos os supostos básicos são estados emocionais tendentes a evitar frustrações inerente ao aprendizado por experiência, aprendizado que implica esforço, dor e contato com a realidade*”.

Bion formulou a hipótese de uma parte da personalidade que conviveria com os outros. Vários fatores essenciais distinguiriam a personalidade psicótica: a importância da identificação projetiva, a clivagem e a destruição do eu. O psicótico, incapaz de pensar símbolos, está impossibilitado do sonhar.

É dele, também, a idéia da “grade”, pouco desenvolvida por Valton em seu livro, que compreende um eixo vertical composto de colunas de A-H e de um eixo horizontal numerado de 1 a 6, mas que pode ser prolongado indefinidamente. Esse eixo horizontal se refere ao conteúdo, à comunicação entre o analista e seu paciente; o eixo vertical, por sua vez, registra o grau de complexidade do enunciado.

As teorias e as obras de Bion são ricas e não podem ser resumidas em algumas linhas. Constituem um dos pensamentos na psicanálise mais originais desses últimos 50 anos.

Da sua vivência como militante político e de sua escuta clínica, e com o referencial teórico desses autores, Valton percebeu que esses aspectos obscuros da política podem ser explicados. E lembra os episódios que ocorreram ao longo dos anos 80, quando Maria Luiza

Fontenelle foi eleita prefeita pelo Partido dos Trabalhadores.

A situação que acabo de descrever, e na qual tive efetiva participação, apresentou-se em algumas oportunidades de modo inteiramente paranóico. As defesas utilizadas até então contra a ansiedade paranóica falharam e a cisão mostrou-se através de acusações e contra-acusações de traição, complô e conjura (p. 45).

Não que considere que o “*fracasso da administração pode ser atribuída prioritariamente a esse conteúdo afetivo passional*”. Mas, não tem dúvidas:

E indubitável que nessas organizações (está se referindo às organizações de massa e partidos) existem a esperança do surgimento do Messias ou Redentor, as cumplicidades e desconfiâncias de um grupo em relação ao outro, enfim, os ressentimentos e suspeitas de cunho claramente paranóide (p. 58)

Como nos mostrou Bion, há a necessidade de criar um (ou vários) inimigo(s), os “traidores”, os “vacilantes”, como se costuma dizer no meio das organizações de esquerda, os que “não fizeram a autocrítica”. A partir daí erigem-se as defesas e a necessidade de um “líder”, de uma “bíblia” onde esteja a “verdade”. E por isso, como ressalta Valton, “*que os grupos são, de princípio, contrários a mudanças, pelo temor que venham afetar o sistema normativo*” (p. 59).

Isso vale para os agrupamentos políticos, como vale para os grupos dentro das empresas, escolas, quartéis, universidades e igrejas. Estão presentes com uma forte destrutividade, capazes de produzir os atos mais estapafúrdios e irracionais e rupturas abruptas na subjetividade. É por isso que o campo da política (em todas as suas instâncias) é um *território* profundamente ambivalente, onde vida e morte, criação e pulsão de morte, lealdades e traições, transparências e dissimulações convivem em permanente conflito. Aliás, olhando desta perspectiva, o campo das relações sociais, seja ele individual ou cole-

tivo, é o campo fértil para o surgimento de *fantasma e fantasias*, projeções e identificações projetivas, que podem nos levar a relações objetivas construtivas, como pode nos levar, também, à morte, quando o grupo, ou as pessoas, não têm um mundo interno suficientemente integrado e capaz de suportar a frustração. A necessidade de *messias*, de *redentores*, assim como a necessidade de criar inimigos, tão próprio no mundo da política, é um sintoma presente desde o início da civilização. Max Weber achava que isso mudaria quando o homem se emancipasse e se desencantasse. Na realidade, como vemos hoje, acabaram por criar novos *fantasmas* e parecem mais *encantados* do que nunca nesse *mal-estar* que se abate sob a modernidade.

SALVANDO A HISTÓRIA, A DIALÉTICA E A TOTALIDADE

O núcleo mais valioso do livro, segundo o meu ponto de vista, é o momento em que ele usa os conceitos psicanalíticos para compreender os processos políticos, em especial a paranóia. As vezes me perguntei o que ocorreria se ele, ao invés de buscar a “alma da política”, procurasse compreender a “alma na política”, ou seja, o que ocorre na subjetividade das pessoas quando se envolvem na trama cotidiana da política. Tenho a certeza que *material* para a sua análise não faltaria.

Valton deseja mais do que compreender os *tormentos individuais*. Como estudioso dos processos políticos ambiciona mais. E aqui não fala somente o psicanalista envolvido no estudo da paranóia, mas o ativista político visivelmente entrincheirado na concepção marxista. Parece querer dar conta e *salvar* a idéia de totalidade, a razão dialética, a história vista como um processo dotado de sentido e racionalidade. Nesta mesma trincheira, Valton busca realizar dois empreendimentos que, na minha opinião, são grandiosos demais: evidenciar a *irracionalidade* das organizações de massa e dos partidos e, ao mesmo tempo, resgatar o sentido da história em

uma sociedade que fala de seu fim. Ou resgatamos o seu sentido ou caminharemos para a barbárie. E a nova barbárie, segundo Valton, é o neoliberalismo.

Trafega ao longo das 251 páginas de seu livro por clássicos da ciência política, em companhia dos marxistas dialéticos e filósofos da totalidade. O seu anátema, mesmo que não suficientemente explicitado, parece ser com o pensamento hoje chamado de *pós-moderno*.

Valton deixa claro que é herdeiro do projeto moderno, que se define pela busca da fundamentação e acredita na possibilidade do conhecimento que capta a historicidade do homem no movimento dialético da história. A ciência e as teorias científicas, nesta perspectiva, são vistas como capazes de dar conta da subjetividade. Freud era um iluminista e também fez parte deste projeto, em crise a partir da segunda metade do século XX, momento em que se começa a atacar a idéia de centralidade atribuída à noção de subjetividade empreendida pelas teorias racionalistas e empiristas. As críticas de Hegel e de Marx, aliás, já apontavam para a insuficiência e o caráter problemático da análise subjetivista. Hegel mostra que a subjetividade, a consciência individual, ela própria é resultado de um processo de formação histórico e cultural. Marx faz a mesma coisa. Para ele o que determina o conteúdo de nossas representações são as relações de produção.

Valton parece desejar *salvar* esse legado do pensamento moderno, que partiu da “*sabedoria clássica grega, passa pelas virtudes capitais do tomismo e chega a moderna noção de liberdade*” (p. 229). Assim, esbraveja contra essa “situação esdrúxula” que, “*esquartejado entre o ideal e o real se torna ostensivamente presente com o desmantelamento do Estado Social pelo capitalismo monopolista.*” Lamenta, também, que “*além disso, o enfraquecimento do doutrina socialista*” tenha “*deixado um vácuo político no qual se fez acompanhar do individualismo, do narcisismo e do egoísmo tão brutais quanto a perseguição que esse sistema instala contra a maioria da popula-*

ção mundial' (...) Diante desse poder tão grandioso – conclui – “o neoliberalismo pretende colocar uma ética simplesmente argumentativa e reflexiva, ou seja, não articulado a uma condição de classe e a um corpo teórico específico, como é o caso do marxismo.

Aqui nenhuma palavra sobre as razões do enfraquecimento do socialismo, nem a nomeação dos pensadores com quem está polemizando. Mas é evidente que está se referindo ao pensamento pós-moderno e todos aqueles que se afastaram do referencial marxista, em especial dos que romperam com a tradição, inaugurando uma nova reflexão e uma nova forma de pensar o mundo, como é característico das teorias *pós-fordistas*, identificadas com o pensamento *pós-moderno*. A ética de Valton não é somente contra os *seguidores de messias e bíblias*, mas também contra muitos pensadores contemporâneos, como Heidegger, Wittgenstein, Gilles Deleuze, Lyotard, Richard Rorty, Habermas e outros.

Não foi por menos, por exemplo, que não poupa, na sua “*máquina interpretativa*”, Nietzsche, um dos pilares do pensamento pós-moderno, “cuja radicalidade no combate aos valores burgueses e arrogância intelectual levaram ao sectarismo pessoal e social de conseqüências reconhecidamente destrutivas e ilusórias” (p. 63).

Utilizando as próprias categorias *bionianas* que ele usou nas suas interpretações, não haveria por parte de Valton uma certa *paranóia e intolância* com relação ao pensamento pós-moderno que emerge nesse final do século XX? O embate não continua sendo do *mocinho* contra o *bandido*?

NOTAS

- ¹ Ver o trabalho de Leonardo José Barreira Danziato. *Fortaleza da Psicanálise – história da psicanálise em Fortaleza*. UFC. Dissertação de Mestrado, janeiro de 1998.
- ² Para quem desejar compreender melhor a vida e a obra de Melanie Klein ver o belo trabalho do canadense Phillis Orosskurt, chamado *O Mundo e a Obra de Melainie Klein*, Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- ³ SEGAL, Hanna. *Introdução à Obra de Melanie Klein*. Editora Imago, Rio de Janeiro, 1975.
- ⁴ Ver KLEIN, Melanie. *Inveja e Gratidão*, (1970) Editora Imago. Também, pela mesma editora *Psicanálise de Criança* (1972); *Amor Ódio e Reparação*; *Narrativa da Análise da Criança* (1976), *Contribuição à Psicanálise*, Editora Mestre Jou; *A Educação de Crianças*, Ed. Imago, (1973); *Psicanálise da Criança*, Mestre Jou; *Sentimento de Solidão*, Editora Imago (1971). É vasta a bibliografia sobre o pensamento de Klein.
- ⁵ BION, W. R. *Experiências Com Grupo*, Editora Imago e Editora da Universidade de São Paulo, 1975.